

## MAR LUSÍADA, MAR UNIVERSAL

Carlos d'Alge (\*)

(Versos de Luís de Camões e Fernando Pessoa). (\*\*)

CORO — A aventura na antemanhã, o destino a comandar  
as forças vitais da gente portuguesa, a jovem  
nação que se afirma no despertar do campo de  
Ourique sob o comando de Afonso Henriques. Pois

JOGRAL — "O homem e a hora são um só  
Quando Deus faz e a história é feita  
O mais é carne, cujo pó  
A terra espreita."

(FP)

CORO — A febre da conquista torna a nação soberana e  
emancipada. O país volta o seu olhar para o ocea-  
no e procura desvendá-lo. Os pinhais de D. Dinis  
em breve se transformarão nas alígeras caravelas  
que sob o signo da Cruz da Ordem de Cristo per-  
correrão os mares nunca dantes navegados.

JOGRAL — "Porque é do português, pai de amplos mares  
Querer, poder só isto:  
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita  
O todo, ou o seu nada."

(FP)

(\*) Textos de Carlos d'Alge.

(\*\*) Os versos de Luís de Camões e Fernando Pessoa são assinalados  
no texto seguidos das iniciais LC e FP, respectivamente.

CORO — E eles o quiseram. Percorreram longas e duras caminhadas. Sofreram desgraças e infortúnios. Naufrágios e emboscadas. Para conquistar os três oceanos tornaram-se nautas indômitos e acreditaram na sua predestinação. Pela Fé e pela Pátria! Velas ao mar. Bartolomeu Dias é o primeiro a dobrar o Cabo das Tormentas. Vasco da Gama depois, já na rota para a Índia. Mas nem tudo era alegria e certeza, havia a dor dos que ficavam, dos que deixavam partir filhos, esposos e irmãos, daqueles por quem clama a figura grave e sofrida do ancião da praia do Restelo, consciente da fraqueza humana contra as forças da natureza, irredutíveis e temerosas. Contra os perigos vistos pelo épico:

JOGRAL — “Oh! grandes e gravíssimos perigos!  
Oh! caminho da vida nunca certo!  
Que aonde a gente põe sua esperança,  
Tenha a vida tão pouca segurança!”

(LC)

CORO — A vida dos nautas é a vida do poeta, também sofrido, navegado e mortificado pelos caminhos do oceano, pelas incertezas e desenganos havidos.

JOGRAL — “No mar, tanta tormenta e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida!  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida!  
Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida,  
Que não se arme e se indigne o Céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?”

(LC)

CORO — À saudade dos que partem juntam-se as tristezas e lágrimas dos que ficam. Dos que sentem a grandeza do gesto mas temem pela sorte dos nautas. Pelos perigos que hão de enfrentar, pelo desconhecido, pelo imprevisível. Erguem-se as vozes das mães e esposas:

JOGRAL — ..... "Ó filho, a quem eu tinha  
Só para refrigério e doce amparo  
Desta cansada já velhice minha,  
Que em choro acabará, penoso e amaro.  
Porque me deixas, mísera e mesquinha?  
Porque de mim te vás, ó filho caro,  
A fazer o funéreo enterramento  
Onde sejas de peixes mantimento?"

JOGRAL — ..... "Ó doce e amado esposo,  
Sem quem não quis Amor que viver possa,  
Porque is aventurar ao mar iroso  
Essa vida que é minha e não é vossa?  
Como, por um caminho duvidoso,  
Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
Nosso amor, nosso vão contentamento,  
Quereis que com as velas leve o vento?"

(LC)

CORO — É feita a largada para o desconhecido. Partem os nautas com a imagem dos entes caros que os lamentam na Praia das Lágrimas. Muitos pela derradeira vez. Mas o fascínio da viagem e a certeza de se estar a cumprir um ideal perseguido alimentam o sonho e a genial loucura dos marinheiros. O que poderia existir sem a grandeza e a loucura? Não se teriam descoberto novos mundos, plagas distantes e jamais sonhadas, onde foi erguido o padrão com as quinas e a cruz de Cristo. Sem a loucura, o que seria dos gênios, dos santos e dos heróis? Teriam porventura existido? Loucura, gênio, sublimidade, que atingem o holocausto no areal de Alcácer-Quibir, na figura do trágico e visionário El-Rei D. Sebastião.

JOGRAL — "Louco, sim, louco, porque quis grandeza  
Qual a Sorte a não dá.  
Não coube em mim minha certeza;  
Por isso onde o areal está  
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem  
Com o que nela ia.  
Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadáver adiado que procria?"

(FP)

CORO — Ei-los os novos argonautas a enfrentar os riscos  
mais cruéis e as tempestades que hão-de sobre-  
vir. Tormentas sofridas a cada passo, a cada via-  
gem. Raios e trombas marítimas. Naufrágios sem  
conta, a ilustrar toda uma história trágico-marítima  
que a gente portuguesa jamais olvidará. E que  
constitui também a substância trágica do poema:

JOGRAL — "Contar-te longamente as perigosas  
Cousas do mar, que os homens não entendem,  
Súbitas trovoadas temerosas,  
Relâmpagos que o ar em fogo acendem,  
Negros chuveiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,  
Não menos é trabalho que grande erro,  
Ainda que tivesse a voz de ferro."

(LC)

CORO — O explodir das forças desencadeadas, a procela  
que se abate sobre as naus, a marinhagem que  
desperta com gritos de temor e desacordo. O im-  
pacto que a tormenta provoca sobre a afanosa  
gente que se dispõe a enfrentar o risco.

JOGRAL — ... o Mestre, que olhando os ares anda,  
O apito toca: acordam, despertando,  
Os marinheiros de ua e outra banda.  
E porque o vento vinha refrescando,  
Os traquetes das gâveas tomar manda.  
— Alerta — disse estai, que o vento cresce  
Daquela nuvem negra que aparece!

.....  
Amaina — disse o Mestre a grandes brados.  
Amaina — disse — amaina a grande vela.  
Não esperam os ventos indignados  
Que amainassem, mas juntos dando nela,  
Em pedaços a fazem co'um ruído  
Que o Mundo pareceu ser destruído.

(LC)



CORO — Além das tempestades outras forças tramariam  
contra os ousados navegantes. Contra os nautas  
que estavam prestes a romper as trevas do obscu-  
recimento, destroçando antigos e respeitáveis  
monstros, como o formidando Adamastor, que  
lhes surge num arremedo de titã e que é sustado  
e tornado infenso pela coragem e destemor de  
quem nada temia. Um monstrengo que é transfor-  
mado em nada, um mito suplantado pela audácia.

JOGRAL — “O monstrengo que está no fim do mar  
Na noite de breu ergueu-se a voar;  
À roda da nau voou três vezes,  
E disse: ‘Quem é que ousou entrar  
Nas minhas cavernas que não desvendo,  
Meus tetos negros do fim do mundo?’  
E o homem do leme disse, tremendo:  
‘El-Rei D. João Segundo!’”

“De quem são as velas onde me roço?  
De quem são as quilhas que vejo e ouço?”  
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,  
Três vezes rodou imundo e grosso,  
“Quem vem poder o que só eu posso,  
Que moro onde nunca ninguém me visse  
E escorro os medos do mar sem fundo?”  
E o homem do leme tremeu, e disse:  
“El-Rei D. João Segundo!”

Três vezes do leme as mãos ergueu,  
Três vezes ao leme as repredeu,  
E disse no fim de tremer três vezes:  
“Aqui ao leme sou mais do que eu:  
Sou um Povo que quer o mar que é teu;  
E mais que o monstrengo, que me a alma teme  
E roda nas trevas do fim do mundo,  
Manda a vontade, que me ata ao leme.  
De El-Rei D. João Segundo!”  
(FP)

CORO — Depois a chegada à terra, já conquistado o mar e  
vencidos os demônios. Que terras? Terras de  
todas as praias por onde andou o gênio dos argo-  
nautas: Índia, África, Brasil, Polinésia, Antilhas,

Norte-América, Sul-América, Austrália, Japão  
Terras onde é fixado o Padrão com as quinas e a  
cruz ao alto. Padrão que está em Porto Seguro e  
na Praia da Barra, em terras baianas. Padrão que  
se encontra em ínvios caminhos da África, da Ásia  
e da Oceânia. Padrão que é mensagem e afirma-  
ção, esperança e luz.

JOGRAL — "O esforço é grande e o homem é pequeno  
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei  
Este padrão ao pé do areal moreno  
E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.  
Este padrão sinala ao vento e aos céus  
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:  
o por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano  
Ensina estas Quinas, que aqui vês  
Que o mar com fim será grego ou romano:  
O mar sem fim é português.

E a cruz ao alto diz que o que me há na alma  
E faz a febre em mim navegar  
Só encontrará de Deus na eterna calma  
O porto sempre por achar."

(FP)

CORO — O mar lusíada é o mar universal, pois, assim, o tor-  
naram os rudes e audazes marinheiros. Mar que  
se alonga pelos três oceanos, navegados e per-  
corridos em todas as rotas pelas naus portuguesas.  
Mar nosso, que possibilitou a afirmação lusitana  
e que abriu ao mundo novas esperanças. Mar por  
onde se chegou às terras de Santa Cruz, entrevis-  
tas no poema:

JOGRAL — "Mas cá onde mais se alarga, ali tereis  
Parte também, com pau vermelho nota;  
De Santa Cruz o nome lhe poreis;  
Descobri-la-á a primeira vossa frota.

Ao longo desta costa, que tereis,  
Irá buscando a parte mais remota  
O Magalhães, no feito, com verdade,  
Português, porém não na lealdade."

(LC)

CORO — Vencido o medo do mar desconhecido, conquistado o Oriente, abertos novos caminhos ao mundo, entrelaçando culturas distintas, levando a fé de Cristo às paragens mais longínquas, retornam os nautas à pátria ditosa e amada:

JOGRAL — "Assim foram cortando o mar sereno,  
Com vento sempre manso e nunca irado  
Até que houveram vista do terreno  
Em que nasceram, sempre desejado.  
Entraram pela foz do Tejo ameno,  
E a sua pátria o Rei temido e amado  
O prêmio e glória dão por que mandou,  
E com títulos novos se ilustrou."

(LC)

CORO — Que recompensas seriam outorgadas aos lusíadas? Se não a glória e a permanência na história! Porque, se materiais, seriam bem precárias e transitórias. Muitas vezes trágicas, pois nem da glória nem da honra foram beneficiários Bartolomeu Dias, Manuel de Sepúlveda e o próprio Fernão de Magalhães, naufragados ou sacrificados na amara e inóspita selva.

CORO — Por que não lhes dar — a tão esforçados e intemeratos navegadores — um prêmio mais sublime e mais terreno? Um presente digno de deuses. Não se esforçaram eles por tal? Um mito, sim, mas um prêmio de cor, sol, riso, alegria, amor, desejo e posse. Uma ilha paradisíaca perdida no oceano, presente de deuses para os não menos divinos. Um momento de lazer e de fruição que se antecipa à visão da amena enseada:

JOGRAL — “Começam de enxergar subitamente  
Por entre verdes ramos, várias cores  
Cores de quem a vista julga e sente  
Que não eram das rosas ou das flores,  
Mas de lã fina e seda diferente,  
Que mais incita a força dos amores,  
De que se vestem as humanas rosas,  
Fazendo-se por arte mais formosas.

.....  
De uma os cabelos de ouro o vento leva,  
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;  
Acende-se o desejo, que se ceva  
Nas alvas carnes, súbito mostradas.  
Uma de indústria cai, e já relewa,  
Com mostras mais macias que indignadas,  
Que sobre ela, empecendo, também caia  
Quem a seguiu pela arenosa praia.

.....  
Oh! Que famintos beijos na floresta,  
E que mimoso choro que soava!  
Que afagos tão suaves, que ira honesta,  
Que em risinhos alegres se tornava!  
O que mais passam na manhã e na sesta,  
Que Vênus com prazeres inflamava,  
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo;  
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.”

(LC)

CORO — Os prazeres na dialética camoniana se transformam em honrarias, os amores e conquistas não são senão os prêmios que se outorgam aos valerosos feitos, prêmios que tornam a vida sublimada. Prêmios que se descortinam com a *fama grande e nome alto* e subido. Mas para que tudo isto se tornasse realidade, foi preciso vencer o mar. O mar lusíada e universal. Descobrir o reino de Netuno e torná-lo caminho das naus cristãs. Aventurar-se no tenebroso e transformá-lo em pacífico oceano. Destruir potestades e demônios. Vencer o obscurantismo e a ignorância. Não temer o seu fim, não temer o nada, vencer o invencível. Conquistar a distância. Realizar o ato e o destino. Para que o mar fosse nosso.

TODOS — O Mar português.



JOGRAL — "Ó mar salgado, quanto do seu sal,  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar e perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu."

(FP)

TODOS — Mar português, mar lusíada, mar universal. Versos  
de Luis de Camões, *d'Os Lusíadas*, e de Fernando  
Pessoa, de *Mensagem*. Texto de Carlos d'Alge.  
Dramatizado pelos alunos do Centro de Pesquisas  
em Artes Cênicas da Universidade Federal do  
Ceará.